

# A CATEGORIA DE ASPECTO E AS PERÍFRASES DE *IR* + *INFINITIVO*: O CATALÃO E O PORTUGUÊS.

Paula da Costa SOUZA <sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho persegue o objetivo de discutir a perífrase *ir* + *infinitivo* em duas línguas românicas, a saber, o português e o catalão, abordando, em especial, as diferenciações que concernem ao aspecto verbal.

Primeiramente, a referida forma analítica, existente em ambas as línguas, apresenta grande divergência semântica, já que, enquanto em língua portuguesa é uma construção que se destina à expressão de futuro, ou mesmo de futuro próximo, em catalão seu emprego se restringe à expressão de pretérito.

Nas línguas românicas, em geral, as conjugações verbais são orientadas pela categoria de tempo, em detrimento da categoria de aspecto, que se expressa, quase sempre, de maneira subsidiária. No entanto, alguns autores consideram que a perífrase de futuro de nossa língua apresenta uma marcação de modo-aspecto. Já no catalão, a mesma perífrase possui uma marcação aspectual bem definida: se circunscreve ao aspecto perfectivo.

Para verificar como a mesma estrutura verbal pode ser concebida de maneira tão divergente, pretende-se fazer observar como são abordadas pelas gramáticas de ambas as línguas a partir de uma perspectiva diacrônica, tomando como base os fundamentos teóricos da Filologia Românica.

Após essas considerações, apresentaremos alguns resultados relevantes da pesquisa como, por exemplo, de que forma a norma prejudica a difusão da estruturas analíticas, cuja recorrência nas línguas românicas é um processo profícuo principalmente em língua oral. Dessa forma, também se fará uma exposição do enorme abismo existente entre norma e uso no tocante a essa perífrase tanto em língua catalã quanto em português.

**PALAVRAS-CHAVE:** catalão; perífrases, aspecto verbal.

No que concerne às conjugações verbais nas línguas românicas modernas, há uma tendência à orientação pela categoria de tempo em detrimento da categoria de aspecto. Em outras línguas, contudo, a categoria de aspecto não é relegada a plano secundário, mas, ao contrário, é o eixo condutor das conjugações. É por isso, então, que a determinação desta categoria se torna uma tarefa um pouco difícil em nossa língua,

---

<sup>1</sup> USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Avenida Luciano Gualberto, 403 . CEP: 05508-900. São Paulo, SP, Brasil.  
paula.souza@usp.br

pois não está circunscrita somente à conjugação, devendo-se levar em consideração outros elementos, externos ao verbo, para a sua determinação. Além disso, um outro agravante é que muitos estudos vincularam aspecto a tempo, erroneamente definindo-o como “qualidade do tempo”.

O aspecto, ou seja, a maneira de ser da ação, é observado a partir do ponto de vista de sua duração. Na língua portuguesa, por exemplo, a divisão das conjugações em *imperfeitas* (*infectum*= inconcluso) e *perfeitas* (*perfectum*= concluso) são resquícios de uma distinção aspectual, heranças da língua latina. É possível notar não somente no português, mas também em outras línguas românicas, que a classificação gramatical das conjugações em perfeito e imperfeito referem-se, respectivamente, ao aspecto concluso e ao inconcluso.

O aspecto pode ser observado não somente nos tempos flexionais, mas também em construções perifrásticas e em elementos externos às categorias verbais. Nas línguas românicas, difundiu-se uma construção perifrástica, herança do latim vulgar, que se espelha no uso do *perfectum* para designar noção de pretérito. Consensualmente, a construção verbal utilizada por essas línguas para designar tempo pretérito, seja por meio de valor perfectivo ou imperfectivo, foi *habeo* + particípio passado. Esse paradigma perifrástico ganhou terreno e se solidificou, ao longo do tempo, como tempo composto, inserido no quadro das conjugações verbais das línguas românicas.

Não é apenas nos pretéritos que temos exemplos de formas perifrásticas. Não se deve esquecer que uma forma analítica foi a responsável pelo surgimento do futuro simples do indicativo: com o desaparecimento do futuro latino, originou-se o futuro românico a partir da perífrase *habeo* + *infinitivo*, como *habeo dicere*. Partindo desta perífrase, temos um ciclo no tocante à forma de expressão desse tempo: (perífrase) *habeo* + *infinitivo* → (inversão de ordem) *infinitivo* + *habeo* → (aglutinação: forma

simples como produto) futuro simples → (nova perífrase: uso paralelo à forma simples)  
*ir (presente do indicativo)+ infinitivo.*

Sobre as conjugações perifrásticas, Câmara Jr. (1976) esclarece que a de *ir (presente do indicativo)+ infinitivo* é um hibridismo, já que tanto apresenta um valor aspectual quanto modal. O autor concebe que a perífrase plasma tanto a “intenção de fazer algo” = modo, quanto “o que vai acontecer” = aspecto. Câmara Jr., ainda, não aceita a idéia de que esta construção é uma mera substituição do futuro simples, visto que, na realidade, o que o substitui, em língua coloquial, é o próprio presente.

Diferentemente do que ocorrera com a construção *habeo + infinitivo*, a perífrase *ir (presente do indicativo)+ infinitivo*, embora de uso recorrente tanto na língua escrita quanto na oral, não está prevista dentro do modelo fixo dos quadros de conjugações verbais das línguas românicas. Essa assertiva, porém, não é válida para a língua catalã.

A perífrase *anar (presente do indicativo) + infinitivo* do catalão se configura, dentro do bloco românico, como um duplo dissenso: em primeiro lugar, a perífrase aparece no quadro das conjugação verbais; em segundo lugar, e ainda mais relevante, não é usada com valor do futuro simples, mas sim designa pretérito com noção aspectual perfectiva. A título de exemplo <sup>2</sup>:

- “Es veu que no *va parar* fins que *va presentar-los...*” (*Vê-se que não parou até que os apresentou*)
- “*Vaig caure* d'un arbre i l'os se'm *va partir.*” (*Caí de uma árvore e meu osso quebrou*)

As formas exemplificadas convivem ao lado da forma simples do mesmo pretérito. Temos, então, na língua catalã, o *Pretèrit Perfet* e o *Pretèrit Perfet Perifràstic*. A fim de exemplificar o primeiro, vejamos:

- “Abans d'obrir la porta del tot, la Teresa *mirà* a dins de la sala.”<sup>3</sup> (*Antes de abrir a porta totalmente, a Teresa olhou dentro da sala.*)

---

<sup>2</sup> In RODOREDA, M. *Mirall Trençat*. Barcelona: Edicions 62, 1984, pp. 73, 77.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 76

Considerando todo o acima exposto, far-se-à, a partir de agora, um breve comentário sobre as duas formas analíticas, a do catalão e a do português, sob a perspectiva do uso e da norma a elas atribuídos nas gramáticas.

***Ir (presente do indicativo) + infinitivo em português: tempo futuro.***

É consenso entre os estudiosos a assertiva de que o tempo flexional de futuro, ou seja, a forma sintética, não marca qualquer aspecto; nele há referência apenas à situação sem atualização dessa categoria. O tempo futuro atribui à situação uma realização virtual, acarretando no enfraquecimento das noções aspectuais que seriam atualizadas. Igualmente, esse tempo apresenta um valor modal que restringe a expressão do aspecto.

Quanto à perífrase *ir + infinitivo* da língua portuguesa há validação da categoria aspectual (inceptivo) ainda que misturada a um valor modal (intenção de realizar), segundo Câmara Jr. (1976). O próprio autor define o aspecto inceptivo como o que tem a ação em seu princípio, em seu começo, afirmação que leva ao rechaço de sua teoria por Travaglia (2006)<sup>4</sup>: “O próprio Câmara Jr. diz que com esta perífrase o processo se apresenta como prestes a começar, portanto não pode ser, como se verá, marcadora de aspecto inceptivo”.

Em Travaglia (2006) encontramos sobre as perífrases de futuro:

*O futuro normalmente restringe a atualização dos aspectos e nenhum deles se atualiza neste tempo apenas pela ação da flexão temporal. Há sempre a ação de um dos seguintes meios de expressão: perífrases, semantema do verbo, adjuntos adverbiais, e a repetição do verbo.*<sup>5</sup>

Aqui podemos notar a concordância do autor no tocante à expressão aspectual por meio de perífrase. Isso corrobora com nossa afirmação anterior, que advertia quanto

---

<sup>4</sup> p. 32

<sup>5</sup> p. 248

aos elementos externos aos verbos para denotar noções de aspecto. O autor discorda dos estudiosos que atribuíram à perífrase em questão o valor aspectual de *iminência*, já que a seu ver, esse valor denota tempo apenas. Apesar de afirmar que *vê* na perífrase de futuro um valor aspectual, como vimos na afirmação anterior, o autor não se compromete a fazer uma classificação das mesmas, desempenhando, unicamente, a função de marcar tempo futuro.

As formas perifrásticas podem desempenhar diversas funções como: marcar aspecto, marcar voz, marcar tempo ou marcar a modalidade. Vejamos as seguintes frases:<sup>6</sup>

- *Vamos atravessar* o rio a nado.
- Os cavalos *vão partir* dentro de instantes.

Como podemos observar, essas formas se restringem à marcação de tempo, sem conseguir atualizar nenhuma noção aspectual. Já no segundo exemplo, podemos verificar algum valor aspectual em outros elementos frasais que não as perífrases. Outras construções que tenham o verbo *ir* conjugado em outro tempo, encerram em si noções aspectuais, como:<sup>7</sup>

- Todo dia *ia regar* a horta para mim. (imperfectivo, não-acabado, habitual)

***Anar (presente do indicativo)+ infinitivo: aspecto perfectivo.***

Nas línguas românicas, difundiu-se uma construção perifrástica, herança do latim vulgar, que se espelha no uso do *perfectum* para designar noção de pretérito. Ainda é possível notar nessas línguas, apesar da predominância da categoria de tempo, noções orientadas pela categoria de aspecto: as conjugações permanecem com a divisão *perfeito* e *imperfeito*. No português e no catalão, bem como no espanhol e no francês, esse uso é ainda ativo na gramática com as mesmas noções que tinha em sua origem: o

---

<sup>6</sup> In TRAVAGLIA(2006) p. 161

<sup>7</sup> *Ibidem* p. 177.

primeiro se refere ao aspecto concluso, já o segundo, ao inconcluso.

Ao lado do quadro flexional de verbos, *a posteriori*, surgiram as perífrases, cujas funções já discutimos neste trabalho. A construção analítica consensual utilizada pelas línguas românicas para designar tempo pretérito com noção perfectiva é *habeo* (*habeo* + *participio pasado*). Esse paradigma perifrástico ganhou terreno e se solidificou como tempo composto, formando parte do quadro verbal das línguas românicas.

O mesmo, contudo, não se pode dizer da perífrase de *ir* (*presente do indicativo*) + *infinitivo*, que não está prevista dentro do modelo fixo dos quadros verbais. Já a perífrase de *anar* + *infinitivo* do catalão, ainda que representa um dissenso românico, hoje encontra firme terreno como tempo verbal composto que designa pretérito com noção perfectiva.

O Perfectivo é caracterizado por apresentar a situação como completa, isto é, em sua totalidade. Não há tentativa de dividir a situação em suas fases de desenvolvimento. É como se a situação fosse vista de fora e em sua globalidade. Também seleciona, para as frases em que aparece, adjuntos adverbiais de tempo que indicam momentos e períodos de tempo determinados e/ou completos. Para o catalão, acreditamos que esta perífrase não apresente, ou ao menos nem sempre, uma duração depreensível, explícita ou exata; porém, como outros elementos frasais são capazes de influenciar a semântica, devemos considerar que não é todo perfectivo que é pontual, mas todo pontual é perfectivo.

Vejamos agora como a perífrase cobrou importância nas gramáticas contemporâneas.

• Joan Solà. (2002)

Acerca do *Passat Perifràstic*, o autor faz um estudo que, ainda que um pouco conciso, toca pontos importantes, como variedades regionais e a abrangência que cobre o seu uso.

Atualmente, assegura, o passado perifrástico se sobrepõe ao simples, embora haja constatado um rechaço tradicional a respeito do uso da forma perifrástica, que se introduziu no catalão no século XV. Essa restrição se deve a uma tendência geral em considerar que a forma simples se enquadra em um registro mais elevado, apesar da inegável coexistência dos dois tempos em textos literários contemporâneos.

A perífrase é de uso estendido na língua moderna, exceto em algumas localidades de Valência e das Baleares, onde há convivência com o simples. Nestes lugares, o pretérito simples, cuja sobrevivência se baseia no caráter conservador, no caso das Baleares, e num modo de manutenção da expressão, no caso do País Valenciano, em geral sobrepuja a forma composta.

Comprova a existência na variação da conjugação do auxiliar (*anar*): *vàreig*, *vares*, *varem*, *vàreu*, *varen*, conhecida pela região norte-oriental, nas Baleares e no valenciano central. Provavelmente essa conjugação, exceto para a primeira pessoa do singular, se dê por analogia ao próprio passado simples (-ares, -àrem, -àreu, -aren). Encontram-se, ainda, outras variações dialetais para a primeira pessoa: *vai*, *vaic*, também de cunho analógico; da mesma maneira ocorrem as variações de primeira e segunda pessoas do plural *vem* e *veu*, alternadas com *vam* e *van* em regiões da área oriental, como Barcelona, Berga, Baga o Pobla de Lillet.

- López del Castillo (1999)

O autor esclarece que o modelo utilizado em língua catalã para a formação de tempos compostos é *haver + participio passado*. No entanto, em certos lugares da Catalunha e das Baleares sobrevive o verbo *ser* para a formação de tempos verbais compostos. Esse uso é tradicional e vigora também em língua escrita (*Som vingut de pressa; Éreu sortits al pati; Se són retirats*).

No tocante ao tema dos tempos perifrásticos, iguala, em valor, a forma analítica

à sintética. As perífrases se formam com uma variante do presente do Indicativo do verbo *anar* + *infinitivo*. Considera também as variações regionais apresentadas para o verbo *anar*, tal como o faz Solà.

A respeito da situação do País Valenciano, afirma que apenas a zona central preserva a forma simples, enquanto essas mesmas formas já estão condenadas à caducidade no resto do território. Porém, não desconsidera a alternância das formas em registro escrito<sup>8</sup>.

• IEC - *Institut d'Estudis Catalans*<sup>9</sup>

Sobre as formas perifrásticas, o *Institut d'Estudis Catalans*, regulamentador da normativa do catalão oriental, afirma que o verbo *anar* forma as variantes de passado. Assegura, ainda, a possibilidade de alternar com a forma simples na língua escrita, tendo um efeito nada mais que estilístico. A forma perifrástica, com efeito, em língua falada é a mais freqüente no conjunto do domínio lingüístico. Observa também como o auxiliar de passado, o verbo *anar*, tem um radical regular em todas as pessoas, o que não ocorre no presente do indicativo.

Em conformidade com Solà e López del Castillo, assume variações de conjugação para o verbo *anar* para a composição das perífrases de pretérito (*vares*, *varem*, *vàreu*, *varen*).

O auxiliar *anar* também permite formar outras variantes que, diferentemente do passado do Indicativo, têm um caráter exclusivamente literário. Referem-se às formas perifrásticas do passado anterior do indicativo (que também pode ter como auxiliar *haver*), do passado do Subjuntivo e do passado anterior do Subjuntivo.

De acordo com o exposto, podemos depreender que as perífrases do *Pretèrit*

---

<sup>8</sup> Desse caso fica excluído o uso da primeira pessoa do singular e do aparecimento alternado na imprensa e no *standard* oral.

<sup>9</sup> Gramática disponível em: <http://www2.iec.cat/institucio/seccions/Filologica/gramatica/default.asp>



*Perfet*, embora não tenham sido tratadas desde os primórdios da atividade gramatical na história da língua catalã, hoje constituem um tema difundido, como a consideração das variantes apresentadas pelo verbo *anar* para a formação do pretérito analítico. O mais importante, contudo, é notar a sua aceitação pelo IEC. Isso prova que, a partir da difusão de um determinado uso, a perífrase passou a ocupar um papel importante na morfologia verbal do sistema catalão. Hoje, então, ao lado de outros tempos verbais, é aceita pela norma culta.

***Anar*(presente do indicativo) + a + infinitivo: futuro catalão.**

Neste ponto do estudo, pretendemos esclarecer que o catalão não desconhece a perífrase de *ir* (presente do indicativo)+ *infinitivo* para denotar futuro. Porém, este é um tema bastante controverso nos estudos de lingüística catalã, já que, quase sempre, considera-se como um mero e condenável empréstimo do castelhano. Há também autores, como Radatz (2003), que defendem a legitimidade dessa construção analítica para designar futuridade, principalmente no registro oral. Um dos argumentos mais fortes que se apresenta para tal defesa é o de que o verbo *ir* é uma das formas mais gramaticalizadas para expressão de futuro e com ampla difusão entre as línguas românicas. O catalão, até o início da Idade Moderna, não possuía uma perífrase do tipo *anar a + infinitivo*, já que a mesma construção, sem a preposição, havia se cristalizado como forma exclusiva do pretérito perifrástico.

Radatz (2003) constrói um arcabouço do qual se serve para revisar o tratamento dessa perífrase nas gramáticas ao longo dos tempos. Aproveitaremos, assim, o seu trabalho para visualizar, da mesma forma que fizemos com a perífrase de pretérito, o mérito ou o demérito que lhe é concedido. A primeira observação que faz diz respeito à semântica, notando que a construção demonstra perpassar o incoativo e conativo até

tocar um futuro iminente. Pode apresentar as funções de:

- 1) aceitação não perifrástica: *vaig a treballar*;
- 2) incoativo: *Ara anem a veure el segon acte.* (caráter incipiente);
- 3) conativo: *Ho anava a dir, però em vaig repensar.* (há intenção fracassada ou abandono antes da realização);
- 4) futuro imediato: *Em vaig a morir.* (esta é a forma mais discutida, principalmente para o registro escrito).

Acerca do primeiro exemplo, Radatz se coloca: “En este caso *anar* no es un auxiliar sino un verbo principal. No puede excluirse , sin embargo, una implicatura pragmática de inminencia o de intencionalidad, cuyo grado de convencionalidad quedaría por establecer.” Assim, para o autor, os casos 1 e 4 não pertencem a uma mesma categoria.

Enquanto todas essas funções acima apresentadas são perfeitamente plausíveis no castelhano, no francês e no português, línguas românicas mais próximas à catalã, esta tende a aceitar os usos de incoativo e conativo, mas repele com maior ou menor intensidade a interpretação de futuro próximo, já que nela pode observar um cunho castelhanizante e de interpretação, por vezes, ambígua. Fica, então, a seguinte questão: essa perífrase deve ser considerada com uma evolução própria do catalão, em confluência com as demais línguas românicas, ou nada mais é do que uma influência causada pelo bilingüismo e pelo status do espanhol que interfere na evolução natural da língua.

Passemos a um recorte panorâmico através do qual poderemos observar como alguns autores fazem apologia à aceitação ou à recusa taxativa dessa construção analítica.

Pompeu Fabra: aborda o tema em tom não muito polêmico, ao contrário, observa

o uso freqüente da construção, que pode ter tido alguma influência do castelhano, e apenas coloca restrição para o registro escrito, já que este deve ser elaborado servindo-se de maior cuidado. Fabra faz referência a certas construções que seriam menos genuínas que outras. Os usos de *anar a + infinitivo* que, a seu ver, são problemáticos para a língua catalã se referem aos de expressão de uma futuridade iminente. Rotula esse uso como duvidoso porque o significado lexical do auxiliar *anar* ficou totalmente obliterado e reduzido apenas à função de mero marcador de futuridade. Contudo, parece aceitar perfeitamente os casos em que o auxiliar denote, em sentido figurado, movimentos físicos (interpretação adlativa).

Seu caráter estruturalista corrobora com as advertências que faz no que concerne à difusão do futuro analítico. Obviamente isso se fundamenta na presença da mesma forma analítica para referir-se ao pretérito, podendo desencadear, quase sempre, um grave problema semântico. Afirma não ser possível permitir outra perífrase foneticamente quase idêntica com a função de se dirigir a tempos tão radicalmente opostos, ou seja, ao invés de expressar o passado, refere-se ao futuro próximo. A diferenciação fonética seria feita apenas pela preposição *a*, cuja pronúncia poderia se fundir foneticamente ou se fazer imperceptível em inúmeros contextos.

Como se pode ver, Fabra reconhece o uso da perífrase de futuro, ainda que defenda, a fim de evitar confusões semânticas, o uso difundido da forma sintética de futuro. A idéia de futuridade fica condenada pela gramaticalização do auxiliar e pela absorção quase sempre total da preposição *a*. Porém, quando *anar*, em sentido próprio ou figurado, tem valor de movimento, o uso é legítimo na língua catalã. Muito relevante é o posicionamento de Fabra quem, apesar de advertir sobre as confusões e pedir mais cautela no uso dessa construção, a entende como autêntica, ainda que problemática.

Badia i Margarit: o autor é bem contundente ao afirmar que a construção

analítica com valor de futuro imediato é uma forma castelhanizante. A respeito da mesma perífrase, porém com expressão de movimento (figurado ou não), apesar de reconhecer a difusão e generalização do uso, não concebe sua legitimidade para a língua catalã.

Badia defende apenas o futuro sintético como autêntico para a formulação de enunciados a fim de se evitar um choque semântico. Propõe, assim, a substituição de *va a ploure* (vai chover) por *plourà* (choverá). Uma vez que a língua dá conta de expressar futuridadade por meio do uso do futuro sintético ou mesmo pelo uso do presente do indicativo, não aceita o empréstimo que acredita ser da língua castelhana.

Radatz, ao contrário dos citados predecessores, não aceita que o tema seja abordado de forma categórica. Acredita que os autores, cujas gramáticas têm grande peso e difusão, tenham dado pareceres de caráter purista. Também concebe a possibilidade de que hoje essas idéias já constituam uma *communis opinio*, com herança purista, deixando de avaliar o tema por outros prismas.

Parece mesmo que o grau de confundibilidade é o pivô que desencadeia a resistência à aceitação, o que favorece a defesa do futuro sintético. Para os casos de expressão em que opera a iminência, é recomendável lançar mão de outros elementos que não levem à ambigüidade, como os reforços das expressões adverbiais ou locuções do tipo *estar a punt de*.

Ainda que a perífrase formada com *anar* tenha aparecido com séculos de atraso no catalão, em comparação com as línguas vizinhas, pode ser um indício de que tenha começado a gramaticalização para expressar futuro próximo, defende Radatz, o que não está em conformidade com os predecessores que tentaram avaliar a questão. Passos rumo à gramaticalização, segundo ele, são vistos através da aceitação das outras perífrases com a mesma construção:

A medida que la interpretación intencional o volicional se iba convencionalizando, las perífrasis con VADO llegaban a ser usadas también en aquellos casos donde el elemento adlativo, es decir el aspecto del movimiento físico en el espacio, pasa al fondo o incluso puede desaparecer completamente. Esta situación representa el punto de partida para la segunda fase de la gramaticalización. Cualquier acto intencional implica un elemento de futuridad.

Leva em conta, ainda, que não se pode afirmar que a distribuição do futuro sintético e do analítico seja feita da mesma maneira no catalão que em espanhol ou francês. A utilização do futuro sintético na língua falada e sua clara interpretação como futuro próximo, é uma particularidade indiscutível que diferencia o catalão das demais línguas românicas. E isto também constitui um indício de que a perífrase não está tão profundamente arraigada em catalão como nas outras línguas; o grau de gramaticalização é consideravelmente menor e com funções limitadas. Radatz defende que a construção pode ter sua função legitimada dentro do sistema verbal catalão, não restringindo a expressão de futuro apenas pela forma sintética.

Radatz também faz relevante comparação com o português brasileiro. Considera, da mesma forma como acontece em catalão, que a gramaticalização da forma analítica de futuro encontra barreira nos ideais normativistas. O processo analítico, natural e latente na linguagem, existe em distintas fases em muitas línguas românicas. O português brasileiro, no entanto, está numa fase muito mais avançada que o catalão e que o próprio português de Portugal, visto que o futuro sintético tende a ser suplantado, ao menos na oralidade, pelo analítico. Em catalão, o que está em jogo é a aceitabilidade ou não de uma construção analítica análoga em sua interpretação de futuro próximo.

Além disso, se há alguma condena por parte dos normativistas brasileiros é apenas no tocante ao vulgarismo lingüístico. Já os normativistas catalães anunciam sua

rotunda sentença de condena e rechaço baseando-se apenas na forma homóloga castelhana e considerando-a como um empréstimo censurável, sem levar em conta a difusão e o uso da perífrase de futuro. O autor, porém, defende o desenvolvimento analítico em questão como um processo natural de gramaticalização que se apresenta em diversos níveis nas línguas românicas. As diferenças existentes concernentes a sua integração no sistema verbal de cada qual das línguas podem ser tomadas como pontos distintos de um mesmo trajeto, sendo que em catalão se encontra em um segmento menos avançado em relação às demais. Não considera que o argumento da homofonia seja suficiente para coroar essa construção como um empréstimo não previsto no sistema lingüístico do catalão.

## Considerações Finais

Apesar do dissenso que expusemos acerca das perífrases de *ir (presente do indicativo)+ infinitivo* no catalão e no português vimos que, de uma maneira ou de outra, é de grande difusão nas línguas românicas. No catalão, vemos, hoje em dia, a importância que essa construção analítica ocupa dentro das gramáticas contemporâneas, enquanto as anteriores quase não lhe concederam terreno.

Apreciamos, com efeito, que essa perífrase, em português, denota essencialmente tempo sem atualizar nenhum valor aspectual. Pese a isso, muitos autores, ao longo dos tempos, confundiram o aspecto com noções marcadamente temporais. Pode-se notar, por exemplo, o caso da ação iminente, que se dá quando a ação revela uma proximidade futura. Indubitavelmente, a expressão de noções aspectuais são maiores entre os tempos do passado, visto que sua inteligibilidade tem maior integração com a objetividade da noção de aspecto.

Já no catalão, essa forma conforma o aspecto perfectivo, ou seja, relaciona-se ao

tempo *perfectum*, que estabelece a conclusão de uma ação. Talvez em catalão a forma analítica, com o verbo *anar*, com algumas formas cristalizadas, preencha melhor a idéia de completude que a forma sintética.

Ainda assim, vemos uma grande diferença na difusão das perífrases *ir (presente do indicativo) + infinitivo* em catalão e em português: nesta língua, para o caso brasileiro, a construção tem enorme vigência, principalmente em registros informais, em detrimento da forma sintética, encontrada ainda nos registros formais. No catalão, apesar de a forma sintética subsistir em alguns contextos e ter vigor considerável em algumas variantes, é uma construção aceita pela gramática prescritiva e não restringe seu uso a apenas registros formais, estendendo-se a todos os contextos.

Depois de apresentado um panorama sobre a problemática das perífrases de futuro nas línguas românicas e ponderados todos os pontos expostos, cremos que todas as perspectivas devam ser levadas em consideração. O desenvolvimento analítico é, como o afirmamos desde o princípio, um fenômeno recorrente e difuso nas línguas românicas, inclusive na língua catalã. Porém, a perífrase *ir (presente do indicativo) + infinitivo* é apresentada nessa língua para a formação de pretérito, causando um choque se usada para formar futuro.

Como é prevista no sistema das línguas românicas, acreditamos realmente que seja um consenso de formação para o futuro próximo e não se trate de um mero empréstimo que tomara da língua castelhana. Contudo, como a sua aparição é posterior à perífrase de pretérito (século XIV), não se tornou profícua para designar um tempo verbal extremamente oposto. A mesma construção pode ser observada sem nenhum problema se o verbo *anar* estiver em outro tempo verbal que não o presente do indicativo: *anava a fer, havia anat fer, vagi fer* (subjuntivo). Igual ao que ocorre em português, quando usada com valor de futuro, a construção não parece atualizar seu

valor aspectual, sendo este expresso por outros elementos frasais.

Como vemos, a construção é condenável apenas pela homofonia com o pretérito, mas não é inexistente na língua. O desenvolvimento analítico não vingou com tanta força por conta de confusões semânticas, as quais poderiam ser evitadas por meio do uso de elementos exteriores, como adjuntos adverbiais ou expressões. Ainda assim, com o puritanismo vigente e preponderante, acreditamos que a forma analítica de futuro, ao contrário do que ocorre em português, não tem muitas chances de se instituir como aceitável pela normativa por um longo tempo, sobretudo quando a idéia de ser um empréstimo castelhano torna maior a sua condena. Por último, o que reforça a nossa idéia de eliminação da perífrase de futuro no catalão é o fato comprovável na história das línguas de que os equívocos são, de uma forma ou de outra, sempre eliminados pelo senso do uso geral.

## Referências bibliográficas

- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- CÂMARA JR. J. Mattoso. *Princípios de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1954.
- \_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- LÓPEZ DEL CASTILLO, L. *Gramàtica del català actual*. Barcelona: Edicions 62, 1999. pp. 118-119.
- RADATZ, Hans-Ingo (2003). “La perífrasis vado + infinitivo en castellano, francés y catalán: por la misma senda – pero a paso distinto”, in: Pusch, Claus / Wesch, Andreas (Hg.): *Verbalperiphrasen im Katalanischen und anderen romanischen Sprachen im Licht e aktueller Grammatiktheorien*, Akten des 18. Deutschen Katalanistentags, München 7-10. Oktober 2001, Hamburg Buske (Beihefte zu Romanistik in Geschichte und Gegenwart; 9), 61- 75.
- RODOREDA, M. *Mirall Trencat*. Barcelona: Edicions 62, 1984.
- SOLÀ, J. (org.) *Gramàtica del català contemporani, volum I*. Barcelona: Ed. Emúries, 2002. pp. 640-641.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português. A categoria e sua expressão*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

Gramàtica Institut d’Estudis Catalans. Disponível em:

<<http://www2.iec.cat/institucio/seccions/Filologica/gramatica/default.asp>>. Acesso em 15



dez. 2007.